MILHO

CENÁRIO DE EXCESSO DE PRODUÇÃO E QUEDA DA DEMANDA!

RAFAEL RIBEIRO DE LIMA FILHO
Zootecnista da Scot Consultoria

ALEX SANTOS LOPES DA SILVA
Zootecnista da Scot Consultoria

GUSTAVO ADOLPHO MARANHÃO AGUIAR
Zootecnista da Scot Consultoria

A PREVISÃO de grande produção de milho no Brasil e nos Estado Unidos, somada a uma demanda mais fraca, já derrubou os preços do cereal no mercado nacional. Apesar dos fundamentos baixistas, ainda há incertezas que podem mexer com o mercado. Em especial, nos próximos meses o produtor deve estar atento ao desenvolvimento da segunda safra (safrinha), pois a comercialização de soja está lenta, o que pode reduzir a disponibilidade de armazém e, assim, aumentar ainda mais a disponibilidade de milho no mercado.



SHUTTERSTOCK

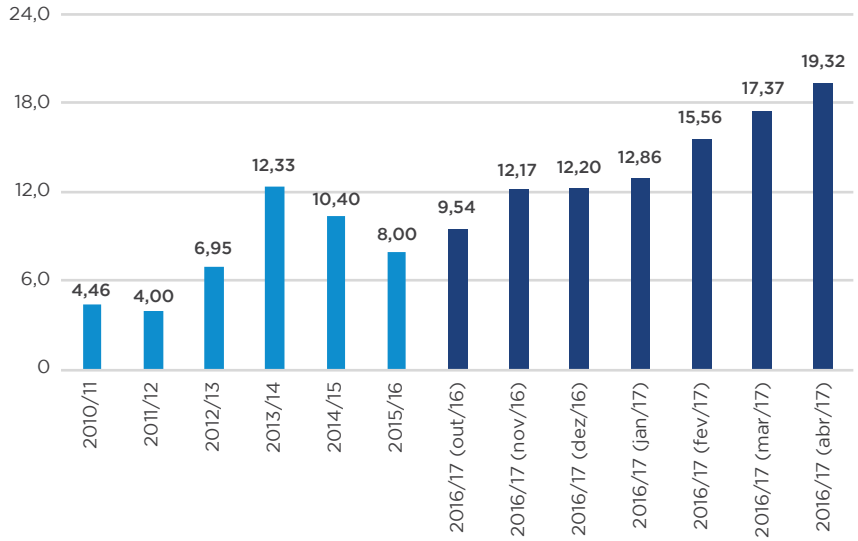
A maior disponibilidade de milho prevista para a safra 2016/17 pressiona para baixo as cotações no mercado brasileiro. No acúmulo de janeiro a abril, a saca de 60 quilos recuou 24,6% na região de Campinas, no estado de São Paulo. O preço médio ficou próximo de R$ 28,20. Na comparação com o mesmo período do ano passado, o cereal está custando 41,6% menos neste ano. E o quadro não deve melhorar.

O cenário atual mostra um balanço de oferta e demanda com radical diferença. Passamos de um quadro de escassez para um de excedente. O clima adverso, com longas estiagens no Brasil Central, prejudicou a produção nacional na safra 2015/16. Este fato, somado à demanda forte tanto no mercado interno, como para exportação, enxugou os estoques disponíveis, e o preço entrou em ritmo de alta.

Na safra 2016/17, considerando a primeira e a segunda safras, a produção está estimada em 91,47 milhões de toneladas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). São 37,5% ou 24,94 milhões de toneladas a mais no ciclo atual frente à temporada passada.

Em 2017, além do incremento da produção, a demanda pelo cereal está mais fraca.

BRASIL: ESTOQUES FINAIS DE MILHO
(MILHÕES DE TONELADAS)



Nota: os dados referentes à safra 2016/17 são estimativas
Fonte: Conab; compilação pela Scot Consultoria

Nessa conjuntura de baixa no milho, as incertezas e as especulações pairam sobre um possível ajuste na produção de aves e suínos, em decorrência da operação Carne Fraca, aplicada pela Polícia Federal. Isso pode impactar de forma negativa a demanda por ração. Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (SINDIRAÇÕES), o milho e a soja respondem por mais de 80,0% da demanda do setor no País.

Com relação às exportações no primeiro trimestre de 2016, a quantidade somou 2,18 milhões de toneladas. Nesse mesmo período do ano passado, os embarques totalizaram o número recorde de 11,85 milhões de toneladas. A queda foi expressiva, de 81,6%.

A menor demanda pelo milho brasileiro no mercado internacional deve-se à grande colheita obtida pelos Estados Unidos, o que prejudicou a competitividade do Brasil. Para uma comparação, a tonelada do produto nacional está cotada em US$ 176,00 para exportação, enquanto o produto norte-americano é negociado ao redor de US$ 150,00 por tonelada.

Com a demanda frouxa e o aumento da oferta, os estoques finais foram revisados, mês a mês, desde outubro do ano passado. Inicialmente, a Conab projetava para 9,54 milhões de toneladas os estoques no País ao final de 2016/17. No relatório de abril de 2017, o volume praticamente dobrou, para quase 20 milhões de toneladas, o maior da história.

O QUE ESPERAR?

Cerca de 67,3% do volume de milho previsto para a safra atual são referentes à produção na segunda safra. Isso significa um fluxo de grãos no mercado brasileiro da ordem de 61,61 milhões de toneladas a partir de junho e julho, com a colheita da safra de inverno. As pressões para baixo nos preços continuarão.

Levando-se em conta o baixo ritmo na comercialização da soja na safra 2016/17, a perspectiva é de agravamento da situação devido à falta de armazéns para estocar o milho colhido na segunda safra. A pressão de venda poderá aumentar ainda mais, derrubando as cotações. ■